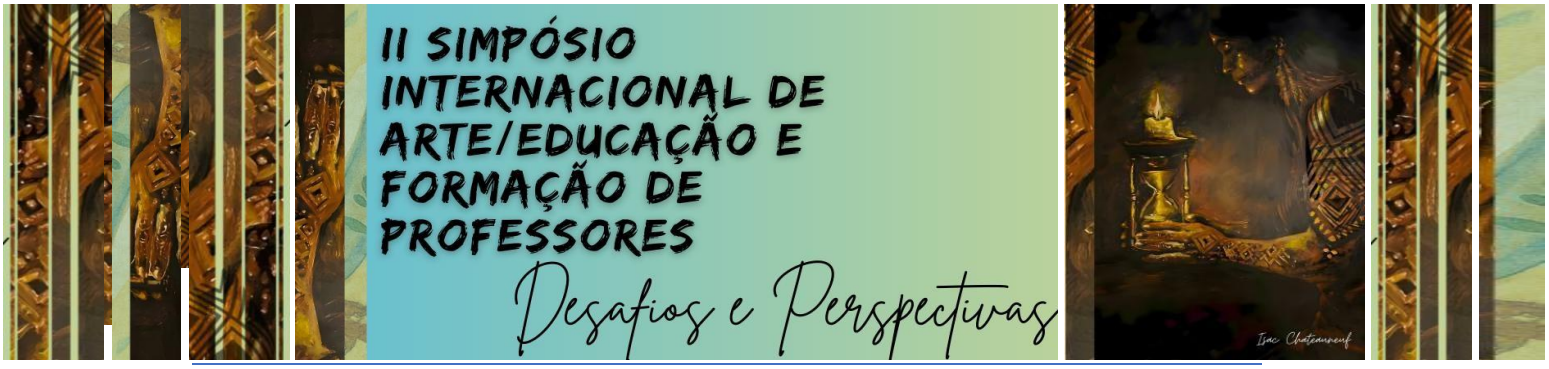


AS PEDAGOGIAS ANTINORMATIVAS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS DE ARTE NO ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS

Andréa Lana Braga Costa[1]
Mestranda – Universidade Estadual do Rio de Janeiro
andrealanaprofe
@gmail.com Instituto
de
Artes/PPGArrtes/
UERJ

Ana Valéria de Figueiredo[2]
Doutora em Educação –
Ciências Humanas
anavaleriadefigueiredo@gmail.com
Instituto de Artes/PPGArtes/UERJ

RESUMO

Diante do caráter pandêmico, cotidiano e estrutural das violências da atualidade, material e simbólica, este trabalho não traz soluções, incomoda. Instiga a pensar que respostas somos capazes de produzir, como professores/as de arte, para fomentar outros modos de ver, sentir e viver. Apesar do avanço de debates decoloniais na produção acadêmica, os currículos de Arte e das Licenciaturas em universidades brasileiras permanecem majoritariamente organizados para reforçar a centralidade do cânone ocidental e marginalizar saberes visuais outros, naturalizando hierarquias e reproduzindo práticas de classificação, normatização e exclusão. Em diálogo com perspectivas decoloniais e com estudos histórico-políticos do corpo, problematiza-se a noção de “normalidade” como dispositivo de poder e não como dado da natureza,

[1] Mestranda do PPGArtes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora da Rede Pública Municipal da Cidade do Rio de Janeiro. CL:
[2] Docente do Instituto de Artes no PPGArtes e na Licenciatura em Artes Visuais Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Líder de Pesquisa PAVIS - Pesquisa em Arte e Visualidades (UERJ). CL: http://lattes.cnpq.br/6434170770324585 https://orcid.org/0000-0001-5029-3276



articulando essa crítica às contribuições de Charles Darwin sobre a diferença como potência adaptativa e condição de sobrevivência das espécies, e não ameaça a ser eliminada. No ensino de artes, pode e deve-se ensinar a diferença como valor vital, deslocando a lógica de que corpos dissidentes como ameaça. O texto propõe a formação de professores/as de arte como campo estratégico de disputa dos regimes de visualidade e que por meio de práticas de artivismo, fabulação crítica e processos de autoinscrição, possamos reinscrever outras narrativas e sensibilidades no currículo, bem como de pedagogias antinormativas que desestabilizem padrões de beleza, gênero e humanidade. Inspirado no pensamento alguns autores/as sobre a transgressão como força criativa e condição de passagem, argumenta-se que acolher a transgressão dos corpos e das imagens em sala de aula é condição para produzir pedagogias do sensível comprometidas com a vida e com a pluralidade de existências. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter teórico-bibliográfico, articulando revisão sistemática de literatura com escrevivência, entendida como escrita situada que entrelaça experiência docente, memória e análise crítica. Foram mapeadas produções em cultura visual, regimes de visualidade, decolonialidade e pedagogias antinormativas/queer nos campos da arte-educação e das ciências humanas, com ênfase em autores/as ligados a universidades públicas brasileiras. A escrevivência funciona aqui como procedimento metodológico que tensiona a separação entre sujeito e objeto, permitindo que a autora leia sua própria trajetória de professora de arte à luz desses referenciais, produzindo uma análise implicada dos currículos e práticas formativas. O texto dialoga com a noção de regimes de visualidade, com os estudos de Stuart Hall sobre representação e identidade e com as críticas de Fanon e Kilomba à colonialidade do olhar e do corpo negro. Articula ainda a crítica decolonial à colonialidade do ser e do saber às pedagogias *queer* e antinormativas, bem como às contribuições de Darwin sobre a diferença como potência adaptativa e condição de sobrevivência das espécies, e não ameaça a ser eliminada.

Palavras-chave: artivismo; cultura visual; decolonialidade; pedagogias antinormativas; regimes de visualidade.





REFERÊNCIAS

CASTRO, Paula Almeida de; ALVES, Cleidiane de Oliveira Sousa. Formação docente e práticas pedagógicas inclusivas. **E-Mosaicos**, v. 7, p. 3-25, 2019. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/view/38786. Acesso em: 30 jul. 2026.

BARRIENDOS, Joaquin. Colonialidade do ver: uma abordagem intercultural da visualidade. In: COELHO, T. *et al.* (org.). **Linguagens visuais**: literatura, artes, cultura. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2013.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 Edições; Crocodilo Edições, 2019.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrevivência:** a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. São Paulo: Itaú Social, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

COSTA, Andréa Lana Braga; FIGUEIREDO, Ana Valéria de. *As Pedagogias Antinormativas para a Formação se Professores/As de Arte no Enfrentamento das Violências.* GT 7 – Arte/Educação, I Diversidademaginário e, 2026. In: **Anais do II Simpósio Internacional de Arte/Educação e Formação de Professores**: Desafios e Perspectivas. São Paulo: GPARTEDU; Editora Even3, 2026.

